

O ENSINO DA ARTE NA INCUBAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS NO SEGMENTO DA SAÚDE MENTAL NOS MUNICÍPIOS DE BLUMENAU E REGIÃO.

Lucinéia Sanches; Raquel Adrade Rebelo

FURB-Universidade Regional de Blumenau, SC, Brasil

lucineiasanches@furb.br

Este trabalho discorre sobre as oficinas de cerâmica como atividade de Educação não formal, realizadas com membros da Associação de familiares, amigos e usuários do serviço de saúde mental de Blumenau, a ENLOUCRESCER. Trata-se do projeto de extensão universitária Incubação de Empreendimentos Econômicos solidários no Segmento da Saúde Mental nos Município de Blumenau e região. Desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/FURB (recursos PROPEX/PROEXT/ Ações Integradas), em parceria com o curso de Artes Visuais da FURB. O objetivo principal das oficinas é o ensinar a arte do fogo (cerâmica) e através da prática de atividades ecologicamente sustentáveis, promover o bem estar físico e mental dos usuários e a geração de renda seguindo os princípios da Economia Solidária. Com este texto pretende-se refletir acerca da psicologia que envolve elementos da cultura, do ambiente e como estes influenciam na vida das pessoas, tanto em seu cotidiano quanto em suas produções artísticas.

Palavras-chave: Cerâmica, Extensão universitária, Saúde Mental, Arte .

Este texto relata uma experiência sobre a cerâmica como atividade de Educação não formal realizada com membros da Associação de familiares, amigos e usuários do serviço de saúde mental de Blumenau, a ENLOUCRESCER. Trata-se do projeto de extensão universitária Incubação de Empreendimentos Econômicos solidários no Segmento da Saúde Mental nos Município de Blumenau e região. Desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/FURB (com recursos dos Editais PROPEX 17/PROEXT 2015 / Ações Integradas), em parceria com o curso de Artes Visuais da FURB.

O objetivo principal das oficinas é o ensinar a arte do fogo, cerâmica, proporcionar o bem estar dos usuários através da prática de atividades ecologicamente sustentáveis e promover a geração de renda seguindo os princípios da Economia Solidária.

Busca-se refletir com apoio teórico da psicologia social, como elementos da cultura e do ambiente influenciam na vida das pessoas; tanto em seu cotidiano quanto em suas produções artísticas.

Inicialmente, discorreremos sobre as oficinas de cerâmica e como elas ocorrem no espaço não formal de ensino. Para isso, consideramos necessário ter clareza do conceito de educação não formal e como esta se diferencia da educação formal. Segundo Gombrich,

A educação não-formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal por que esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada pelo fato de não ter um curriculum definido a priori, seja quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. (GOMBRICH 2013, p. 18)

As oficinas são realizadas semanalmente no laboratório de cerâmica da FURB, o que faz com que os usuários sintam-se acolhidos e incluídos no espaço universitário. No início de cada semestre, antecedendo as oficinas, são realizadas reuniões informais com o grupo para

realizar em conjunto o planejamento das aulas. Nesse momento, todos tem a oportunidade de expressar suas opiniões e fazer sugestões. No decorrer das oficinas, todos interagem entre si de forma descontraída por meio de conversas, de modo que as atividades sejam agradáveis a quem participa. Os usuários possuem liberdade para expressar criatividade e no processo é respeitado o tempo de cada um, considerando as dificuldades e limitações.

Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e pensar o mundo que circunda as pessoas. (GOMBRICH 2013, p. 18)

A arte é desde o princípio da história um dos meios pelo qual os seres humanos se expressam. E não muda no decorrer da história. Novas possibilidades de técnicas e materiais vão se somando para a poética das artes visuais. Sejam estas manifestações individuais ou coletivas, profissionais ou somente para o prazer.

Pelos anos 1987, Fischer escreve que a sociedade dividida em níveis sociais procura colocar a arte para representar e servir aos propósitos de cada grupo em particular como uma voz coletiva. No que diz respeito às oficinas de cerâmica, realizadas com membros da ENLOUCRESCER, a questão central é a promoção da saúde através da inclusão social. Atividade que só se torna possível através da educação não formal. Neste processo, o trabalho é desenvolvido por professores e acadêmicos bolsistas que atuam com processos avaliativos, registrados em relatórios, que não possuem nota e não objetivam passar de um nível para outro, mas fazer da arte um meio para a promoção do bem estar social de pessoas em situação de sofrimento psíquico.

Ana Mae Barbosa destaca que:

Tudo isto vem confirmando que Arte não é apenas uma mercadoria como querem os capitalistas, nem quadro para pendurar na parede, como dizem com menosprezo os preconceituosos que acham que Arte é um luxo sem o qual um país endividado como o nosso pode passar. É através das Artes, através do estímulo à criação, que ONGs com muito menos dinheiro do que o Ministério da Educação vêm gastando em Educação, conseguem educar melhor e combater muito mais eficientemente a exclusão e a violência. (BARBOSA, 2005, p. 293).

Neste ano de 2017, as propostas temáticas sugeridas apresentaram elementos da cultura regional do Vale do Itajaí, para serem incorporados na produção de cerâmica. Depois de discutir a respeito das questões ambientais da região, relacionou se elementos da fauna e da flora. Assim, o objeto desenvolvido é capaz de portar em si referências da identidade regional.

O elemento escolhido foi um animal mamífero, a Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeri*), animal muito comum na fauna local e carinhosamente considerada pela população blumenauense como o animal símbolo da cidade. Ostermann (2013) escreveu para o jornal: “Fala sério, em que outra cidade, além de Blumenau, se vê uma cena urbana assim? A capivara cheia de si, nariz empinado, passeando na calçada do Biergarten e certamente se dirigindo à faixa de pedestres para atravessar a rua, civilizada que é.”

Não há como passar pela Avenida Beira Rio, uma das ruas principais próxima ao centro da cidade, sem se deparar com ao menos uma capivara nas margens do rio.

Assim, estando em Blumenau, nada mais apropriado para a representação da identidade visual da fauna que a produção de capivaras de cerâmica, sendo esta uma das formas mais sustentáveis de se fazer Arte.

Aos poucos os pequenos animais passaram a ser moldados e queimados em forno. Criou-se assim mais um produto com identidade regional que passou a ser produzido por mãos criativas e mentes que se ocupam no inventar e reinventar. As peças prontas são comercializadas em feiras e eventos.

A partir desta experiência, pode se confirmar a hipótese que se tinha ao iniciar o trabalho com cerâmica em 2011, de que a Arte possui importantíssimo papel na construção de um futuro sustentável, pois, como visto até aqui, estimula a criatividade e a inclusão, valores

fundamentais para uma sociedade mais justa. E ainda, desenvolver com os portadores de sofrimento psíquico atividades de ensino capaz de ampliar e sistematizar conhecimentos e também produzir saberes que possam ser aplicados na vida cotidiana e possivelmente profissional é fundamental no panorama da busca por melhor qualidade de vida e são fatores que fazem com que o ensino da Arte se estenda de forma não formal em projetos inovadores de tecnologia social. (BORK; SANCHES, 2015)

Para a compreensão do fenômeno aqui analisado, utilizaremos como base a perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, tendo como referência a obra do psicólogo russo Lev Semenovitch Vygotsky. Vygotsky “buscou a Psicologia para compreender a criatividade artística e sua permanência na história da humanidade, apesar das poderosas determinações sociais bloqueadoras” (SAWAIA, B. B.).

O ser humano, de acordo com a Psicologia Sócio-Histórica, é constituído no ambiente social em que habita, de forma que seu desenvolvimento ocorre através da relação dialética entre o sujeito e a sociedade. Dessa forma, os conceitos construídos são comuns aos sujeitos inseridos em uma mesma sociedade, uma vez que consideramos os processos dialéticos como “[...] intersíquicos, isto é, são compartilhados entre pessoas” (LURIA, 1988, p. 27).

Assim, desde criança nos apropriamos de uma reserva de significados constituídos socialmente e que aprendemos com as outras crianças e com os adultos; este acúmulo é passado de forma que as respostas mais básicas, geralmente relacionadas aos processos biológicos sejam substituídos por processos psicológicos instrumentais mais complexos transmitidos pelos adultos (Idem, Ibidem). Esses significados são transmitidos pela linguagem, do qual depende a constituição do pensamento. Assim, a constituição de um significado para uma palavra é um fenômeno tanto verbal como intelectual que é construído socialmente. (VYGOTSKY, 1996).

Dessa forma, a incorporação do mamífero *Hydrochoerus hydrochaeri* - popularmente conhecido como capivara (figura 05) - na cultura dos habitantes da região do Vale do Itajaí acontece no sentido de uma construção que parte de um contexto geográfico. Deriva da ocupação compartilhada da mesma região por parte do humano e da capivara. Relação, na qual a capivara é significada pelo humano como constituinte da própria identidade da região e dos que nela habitam.

A utilização das capivaras enquanto signo sócio e historicamente elaborado na produção de artesanato por parte dos usuários de serviços de saúde mental apresenta-se como uma alternativa extremamente benéfica. Em primeiro lugar, permite uma identificação dos consumidores com o produto, que facilmente conseguem associar o artesanato assim produzido com a cultura local. Surge assim uma alternativa para a caracterização dos produtos com consequente potencialização da comercialização dos mesmos.

Em segundo lugar, a utilização desta significação no processo de trabalho permite inserir de maneira oportuna os usuários numa relação sadia com a sociedade, onde seu trabalho se torna produção social. As atividades possibilitam assim a participação destes indivíduos na condição de sujeito, restaurando sua autonomia e identidade. Esta ação constitui então uma dimensão semiótica, na qual os indivíduos são capazes de diferenciar as coisas de seus significados.

Entende-se que este movimento psicológico pressupõe a interiorização das ações realizadas por estes indivíduos em seu labor. Isso pressupõe que são capazes então de, através deste mesmo movimento, passar do nível da ação para o nível da operação; ou seja, pressupõe uma melhor integração do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o social e portanto abre espaço para a utilização deste trabalho permeado pela ação de significação do ambiente como atividade de saúde mental.

Este conceito de saúde mental advém da reforma psiquiátrica brasileira, movimento que despontou no país na década de 70 com o objetivo de ressignificar o conceito de saúde mental e, conseqüentemente, as formas de tratamento oferecidas. Buscou-se principalmente a humanização da saúde, a atenção primária e autonomia dos pacientes, em contraste ao modelo hospitalocêntrico vigente, estabelecido no modelo hospitalocêntrico flexneriano. Assim, os pacientes passaram a ser entendidos como indivíduos em relação com a sociedade e não mais como doentes ou incapazes que deveriam ser afastados do convívio social. Segundo Alves:

Os indivíduos desenvolvem maneiras peculiares de estarem no mundo e de vivenciarem seus sofrimentos, alegrias, frustrações, vitórias e inseguranças. Da

mesma maneira, estabelecem relações com suas experiências de enfermidade que são singulares e sustentadas em determinado campo relacional. (p. 54)

Esta construção de um novo modelo de saúde mental permite a interlocução entre as Artes e a Psicologia, uma vez que o processo de criação é compreendido como constituinte do homem e, doravante, da expressão artística humana. É diante deste mesmo processo que Vygotsky disserta sobre a construção dos signos como uma produção não estática acerca dos mesmos. Esta capacidade de construir novos significados para os signos interiorizados pelo indivíduo através das suas relações é mister para viabilizar não apenas a possibilidade da produção de arte, mas possibilita a vida em sociedade.

Na estrutura do signo linguístico, o significado é o elo que une o significante e o referente (objeto ao qual aquele se refere). As relações entre esses elementos não são fixas, o que permite os múltiplos "jogos de sentido" que caracterizam a fala. [...] Falando do "jogo simbólico" (jogo do faz-de-conta), ele mostra, com rara habilidade, como o signo linguístico (a palavra) se organiza [...]. (PINO, 1993, p. 20-21)

Adquire então, esta produção artística derivada do trabalho do sujeito, um aspecto de ressignificação do seu lugar - compreendendo-se lugar como a relação entre corpo e subjetividade diante do mundo. Assim, o trabalho perpassa as categorias estéticas e políticas do sujeito e da sociedade, implicando em uma transformação do social. No aspecto terapêutico do labor artístico, a arte proporciona prazer enquanto potencializa os sujeitos envolvidos no processo, principalmente os que estão relacionados ao processo de criação da arte (VYGOTSKY, 1999), uma vez que a criatividade é considerada uma função de suma importância para o desenvolvimento do sujeito (VYGOTSKY, 2009).

REFERÊNCIAS

- Alves PCB. A fenomenologia e as abordagens sistêmicas nos estudos sócio-antropológicos da doença: breve revisão crítica. *Cad Saude Publica*. 2006; v. 22 n. 8, p. 1547-54. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/dac1/13befbc0209b7cfa51db717d449bc35dedd2.pdf>>. Acessado em: 20 jul. 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. Pesquisas em Arte-Educação: Recorte Sociopolítico. In: *Revista Educação & Realidade*. 30(2) 299-301. jul/dez - 2005. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12478>. Acessado em: 30 de jul. 2018.
- BORK, Mari Ellen Tamara; SANCHES Lucineia. Fontes de criatividade para entender e produzir arte: Uma experiência do projeto de extensão universitária ITCP/FURB e curso de Artes Visuais com portadores de sofrimento psíquico. In: *Anais do Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores: Congresso Internacional da Federação dos de Arte/Educadores*, 5 a 9 de novembro de 2015 / José Maximiano Arruda Ximenes de Lima; Maria de Lourdes Macena de Souza (Organizadores). – Fortaleza : – IFCE, 2015.
- GOMBRICH, Ernst. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro, Guanabara 9ªed. 1987.
- LURIA, A. R. (1988). «Vygotsky», APUD: L. S. VYGOTSKY, A. R. LURIA e A. N.LEONTIEV. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. SP: Ícone.
- Valther Ostermann. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/valtherostermann/2013/05/29/coisa-so-nossa/?topo=52,2,18,,159,e159>>. Acessado em: 30 de jul. 2018.
- PINO, A. L. B. Processos de significação e constituição do sujeito. *Temas em Psicologia*, 1993, v. 1, p. 17-24.
- SAWAIA, Bader Burihan. *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. (1996). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. *A imaginação e a Arte na infância*. Lisboa: Relógio D'água, 2009.